

# ANTROPÓNIMOS DE ORIGEM GERMÂNICA EM ANTIGAS INSCRIÇÕES

Justino Mendes de Almeida

O estudo do património germânico da língua portuguesa mereceu desde há muitos anos a atenção de linguistas nacionais e estrangeiros. Salientem-se, de entre outros, os nomes de Pedro Augusto de Azevedo<sup>1</sup>, José Leite de Vasconcelos<sup>2</sup>, José Joaquim Nunes<sup>3</sup>, E. Förstemann<sup>4</sup>, W. Meyer-Lübke<sup>5</sup> e Joseph M. Piel<sup>6</sup>. Nos últimos anos, porém, a atenção dos investigadores portugueses tem-se dirigido, de preferência, para o estudo da chamada *arte visigótica* — que, em boa verdade, mais não é do que a evolução, ao longo de cerca de três séculos de permanência dos Visigodos na Hispânia, da arte lusitano-romana e paleocristã, acrescida de influências estrangeiras, pois nela com dificuldade se distinguem elementos suficientes para uma caracterização especificamente «visigótica». Assim, têm sido estudados, com maior ou menor profundidade, os belos espécimes daquela *arte do período visigótico* remanescentes em monumentos *in situ* ou em museus de Lisboa, Elvas, Beja, Sines, Idanha-a-Velha e S. Miguel de Odrinhas (Sintra), para citarmos alguns dos principais. Não menor interesse têm despertado nos numismatas portugueses os lindos exemplares de *trientes*, ou moedas de ouro cunhadas no período visigótico.

Reconhece-se, porém, que, em relação à mesma época, os estudos linguísticos não têm acompanhado o interesse despertado pela arte e pela numismática<sup>7</sup>. Razões de tal atitude? Demasiado vastas e complexas, mas o certo é que o ensino da Linguística, agora enredada por caminhos ínvios, vem sofrendo um desvio e dispersando a atenção para orientações que se têm por inovadoras, com prejuízo do estudo das origens e evolução do tesouro vocabular da língua portuguesa. Há, contudo, honrosas excepções<sup>8</sup>, sendo, por outro lado, consolador verificar como se tem ampliado, e não só em quantidade, mas também em qualidade, o número de romanistas estrangeiros interessados no estudo científico da língua portuguesa<sup>9</sup>. A messe é farta, assim não faltem os segadores.

<sup>1</sup> «Nomes de pessoas e nomes de logares», in *Revista Lusitana*, VI, p. 47; «Nomes de lugar derivados do germânico -redi», *ibid.* XII, pp. 323-325.

<sup>2</sup> *Antroponímia Portuguesa*, Lisboa, 1928.

<sup>3</sup> «Os nomes de baptismo: sua origem e significação», in *Rev. Lusit.* XXXI, pp. 5-79; XXXII, pp. 56-160; XXXIII, pp. 5-72; XXXIV, pp. 105-164; XXXV, pp. 5-37.

<sup>4</sup> *Altdeutsches Namenbuch*, vol. I, «Personennamen», 2.ª ed., Bonn, 1900 (citado por Joseph M. Piel).

<sup>5</sup> *Altportugiesische Personennamen* (dois opúsculos que constituem: *Romanische Namenstudien*, I, Viena, 1904; II, *ibid.*, 1917) (citado por Leite de Vasconcelos).

<sup>6</sup> *Os Nomes Germânicos na Toponímia Portuguesa*, I, Lisboa, 1937; II, *ibid.*, 1945.

<sup>7</sup> Haja em vista o recente *Dicionário de História de Portugal*, que, no artigo *Visigodos* (vol. IV, Lisboa, 1971), não tem uma palavra a respeito da língua.

<sup>8</sup> É o caso do Dr. Pedro Cunha Serra, cujos trabalhos o colocam no primeiro plano dos linguistas portugueses.

<sup>9</sup> Registe-se, p. ex., o recentíssimo estudo de Joseph M. Piel e Dieter Kremer, *Hispano-gotisches Namenbuch*. Heidelberg, 1976.

No estudo, a que temos procedido, dos monumentos epigráficos existentes em território português, analisámos, não há muito, duas inscrições, provenientes do sítio do Mosteiro de Cerzedelo (Guimarães), ou do seu aro, ainda hoje ali conservadas, que, pelo interesse linguístico, convém divulgar, tanto mais que se trata de textos inéditos. Devemos à distinta investigadora, Ex.<sup>ma</sup> Senhora D. Margarida Ribeiro, o conhecimento destes textos, através de uma excelente colecção de fotografias que deles obteve.

A primeira é uma inscrição palimpséstica. Do texto primitivo apenas resta, com desenvolvimento de siglas e abreviaturas, o seguinte:

*Era millesima sexagesima.*

É, pois, um documento que refere o ano de 1022 e, portanto, anterior à época portuguesa. A restante parte da pedra, um monólito granítico, foi martelada e nela se gravou novo texto, este ainda hoje completo:

Obiit Famu(lus) D(e)i Gundus / Era millesima centesima nona.

Este documento epigráfico tem o grande interesse de registar, pela primeira vez, ao que pensamos, em território português, o antropónimo latinizado GUNDUS, com a vantagem de ser um testemunho datado (1071).

Deste nome se ocuparam E. Förstemann<sup>10</sup>, Meyer-Lübke<sup>11</sup>, Tetzner<sup>12</sup>, Bass<sup>13</sup>, Leite de Vasconcelos<sup>14</sup>, José Joaquim Nunes<sup>15</sup> e Joseph M. Piel<sup>16</sup>.

«Tetzner e Bass, nos seus vocabulários, mencionam *Gundo*, que traduzem por *combate* e dão como hipocorístico dos nomes assim começados, tais Gundobaldo, Gundoberto, etc.», escreve José Joaquim Nunes<sup>17</sup>. Mas nenhum destes autores cita exemplo directo de *Gundus* em documento proveniente de terra hoje portuguesa, pois apenas pressupõem a sua existência e uso através do genitivo latinizado \**Gundi*, representado por Gonde, topónimo do Norte de Portugal, por *Gundisalvo* (com elevado número de variantes), além de *Gunderico*<sup>18</sup> e muitos outros, quer antropónimos, quer topónimos. Segundo cremos, destas formas se podem aproximar *Gunde* Bebius e *Cunde* Martianus<sup>19</sup>.

O carácter de hipocorístico (*Kosenamen*), que José Joaquim Nunes (seguindo Tetzner e Bass) atribui ao antropónimo *Gundus*, ter-se-ia já perdido na época da inscrição que damos a conhecer. Se assim não fosse, o lapicida, que dispunha de espaço mais do que suficiente, não teria deixado de gravar o nome por inteiro, tanto mais que, se o deixasse sob forma hipocorística e, portanto, abreviada, quem poderia identificar o sepultado, se aquele elemento *Gundus* é comum a vários nomes? Além disto, se a forma *Gundus*, da inscrição de Cerzedelo, fosse abreviada, seria de esperar que o gravador, tal como procedeu nos restantes casos, indicasse essa redução por meio de um traço horizontal sobreposto à palavra. Em todos os exemplos, que analisámos, a indicação do morto vem por extenso<sup>20</sup>. Deduzimos daqui que a forma

<sup>10</sup> *Op. laud.* (citado por J. Piel).

<sup>11</sup> *Op. laud.* (citado por Leite de Vasconcelos, 30).

<sup>12</sup> Cit. por J. J. Nunes, XXXII, p. 158, n.º 2.

<sup>13</sup> *Id.*, *ibid.*

<sup>14</sup> *Op. laud.*, p. 30, s.v. *Gundisalvus*.

<sup>15</sup> *Op. laud.*, XXXII, p. 158, n.º 2.

<sup>16</sup> *Op. laud.*, I, p. 156.

<sup>17</sup> *Op. laud.*, XXXII, p. 158, n.º 2.

<sup>18</sup> *O Archeologo Português*, III, p. 131.

<sup>19</sup> D. José Vives, *Inscripciones Cristianas de la España Romana y Visigoda*. Barcelona, 1942, n.ºs 64 e 119.

<sup>20</sup> *Id.*, *passim*.

*Gundus*, antropónimo latinizado de origem germânica, era usada na segunda metade do séc. XI, no Noroeste da Hispânia, como estereotipado, pois perdera já a significação hipocorística que um dia possuía, à semelhança de outros nomes, como *Waldo*, p. ex.<sup>21</sup>

A segunda inscrição encontra-se embutida na parede norte do Mosteiro de Cerzedelo. Tem uma só palavra gravada: SES / NAN / dO. De todas as letras, que são caracteres romanos, apenas o *d* é minúsculo, sem que se possa afirmar se se trata de uma forma vulgar (com o final dos substantivos hispânicos) ou, antes, de um exemplo tardio de *-o* por *-us*<sup>22</sup>. Tudo indica tratar-se de uma inscrição funerária (equivalente a *hic requiescit Sesnando*). A pedra tumular, aproveitada na construção da igreja, pois é de granito, como as restantes, e de formato sensivelmente idêntico, poderá situar-se na época da construção do templo, ou seja, no séc. XII. Não parece de admitir a hipótese de se tratar do nome do responsável pela obra, como se verifica, por exemplo, no Mosteiro de Odivelas, onde se gravou num capitel o nome do primeiro arquitecto: *Antam Martinz*. A própria localização exterior da pedra — e a sua posição — ajuda a excluir tal hipótese.

Parece-nos ser o primeiro exemplo epigráfico encontrado em território português para o antropónimo *Sesnando*. Até agora conhecia-se uma inscrição de Évora<sup>23</sup>, na qual se fala de

#### *Sisenandus et Iesabelle.*

As variantes atestadas pela paleografia são: *Sisnando* (883), *Sesnandus* (906), *Sisinandus* (929), *Sesnandici* (965), *Sisnandus* (1001), *Sisnandiz* (1032), *Sesnandes* (1033), *Sisnandici* (1037), *Sesnandiz* (1053), *Sesenandus*, *Sesnandus* e *Sernandus* (1059), *Sisnandizi* (1078), *Sisenandus* (1083), *Sesnandizi* (1084), *Sesnandic* (1087), *Sesnando* (1132)<sup>24</sup>.

Em moedas visigóticas da Hispânia documentam-se as formas *Sisenandus*, *Sisenadus*, *Sesenandus*<sup>25</sup>.

Trata-se, como é conhecido, de um nome gótico, em que o primeiro elemento se regista em outros antropónimos, como *Sisebutus* (var. *Sisibutus*)<sup>26</sup>. O Prof. Joseph Piel salientou, a propósito, que, até ao séc. XII, os antropónimos visigóticos dominaram no antigo onomástico português<sup>27</sup>.

A Epigrafia deixou há muito de ser considerada como ciência menor, pois ganhou dimensão e consistência de ciência autónoma. De entre os seus objectivos salienta-se o contributo para esclarecimento de certos domínios de outras ciências, com primazia

<sup>21</sup> *Revista Lusitana*, XXXIII, p. 5, n. 1.

<sup>22</sup> Sobre esta matéria, v. A. Carnoy, *Le Latin d'Espagne d'après les inscriptions*. Bruxelles, 1906, p. 185.

<sup>23</sup> D. José Vives, *op. laud.*, p. 156.

<sup>24</sup> A. A. Cortesão, *Onomástico Medieval Português*. Lisboa, 1912, *passim*; e Joseph Piel, *O Património Visigodo da Língua Portuguesa*. Coimbra, 1942, p. 20.

<sup>25</sup> D. José Vives, *op. laud.*, p. 156; e D. Fernando de Almeida, *Egitânia — História e Arqueologia*. Lisboa, 1956, pp. 59 e 279-280.

<sup>26</sup> D. Fernando de Almeida, *id.*, *ibid.*; e Ernesto Ennes, *O Gabinete Numismático [da Biblioteca Nacional]*. Lisboa, 1927, p. 105.

Leite de Vasconcelos, *op. laud.*, p. 27, explica assim o significado do vocábulo: *Sisenandus*, 324. Outras formas que se encontram em textos posteriores são *Sisnandus*, *Sesnandus*, etc. De sis «queixar-se, pleitear» e *nantho* «audaz»: vid. M.-L., I, pp. 46-72.» Idêntica explicação em J. J. Nunes, *op. laud.*, XXXIV, p. 161.

<sup>27</sup> *Id.*, p. 19.

para a Linguística e para a História. Se outras razões não houvesse, esta só bastaria para desejarmos que se retomem e renovem em Portugal os estudos de Epigrafia, que, tendo conhecido já uma fase de certo relevo, se encontram hoje em franca decadência<sup>28</sup>.

---

*Abstract*

*The author describes two as yet unpublished epigraphic texts existing in the Monastery of Cerzedelo (Guimarães, Northern Portugal), presumably from the 11th century, in which the anthroponyms Gundus and Sesnando, of Germanic origin, are documented.*

*As regards Gundus, this is the first registered instance of its appearance in both epigraphic and paleographical records pertaining to what is at present the Portuguese territory; as regards Sesnando it is the first epigraphic instance.*

---

<sup>28</sup> Efectivamente no I Congresso Nacional de Arqueologia (Lisboa, 1958) foram apresentadas 7 comunicações de carácter epigráfico [v. *Actas e Memórias*, I (1959) e II (1970)]; no II Congresso (Coimbra, 1970) foram apresentadas 2 [v. *Actas*, I e II (1971)]; no III Congresso (Porto, 1973) 2 comunicações por congressistas estrangeiros (*Actas*, I, 1974).